



Padre Antonio

Crescimento expulsa os mais pobres

“Ceilândia foi uma utopia criada pelo sistema social: os pobres teriam onde morar por um preço simbólico”. A afirmação é do padre Antônio Gruyters, holandês, 44 anos, pároco da Igreja da Ressurreição, na cidade-satélite — conhecido pela população pelo seu trabalho desde 1973, dois anos depois da remoção das invasões do Distrito Federal. Benquisto, extremamente humorado, ele é sempre visto na área andando de bicicleta — meio de transporte que utiliza para fazer viagens a Goiânia e Minas Gerais, ou para ir ao Plano Piloto, onde, segundo ele, próprio, “leva apenas uma hora pra chegar”.

Na cidade o progresso, segundo o padre, estaria expulsando as pessoas de baixa renda para outros Estados — uma vez que a especulação imobiliária “selvagem” e o custo de vida impedem uma vida condigna aos mais carentes. Ele fala no assunto pesaroso: muitos pioneiros — quase 1/3 — conhecidos foram embora, provocando dor na comunidade. Na opinião dele este é o maior problema comunitário da Ceilândia, “insolucionável”. Para se encontrar a solução teria, que se mudar o sistema social brasileiro.

Estreitamente ligado a este fato está a habitação. Durante a entrevista com muita ironia o padre Antônio fala que depois do mistério da Santíssima Trindade, “um dos mistérios maiores é a distribuição das casas da SHIS” — ele conhece gente que adquiriu nestes anos todos até três casas na Ceilândia, pelo sistema, e não sabe como. Há pessoas, inclusive, que não residem nestas casas e as alugam para várias famílias carentes.

A reportagem constatou que uma casa reformada está por volta de três milhões e meio. Com quatro quartos e dependências de empregada. Mas podem ser encontradas residências à venda por apenas oitocentos mil cruzeiros, mais acessíveis à população original da cidade-satélite. No entanto, o mais comum é ver-se num lote vários barracos construídos, de um a dois cômodos, serem compartilhados por duas ou três famílias.

VIOLENCIA

“Pela boca do povo este é um dos primeiros problemas”, garante o padre Antônio, quando se toca no tema violência. Ele acrescenta que torna-se difícil, por exemplo, a igreja marcar qualquer reunião à noite, por causa dos assaltos. E faz uma observação: “O povo da Ceilândia fala que a cidade, no início, era mais segura, quando não tinha água, e luz”. As razões da criminalidade: apelo da sociedade de consumo, ausência dos valores tradicionais, fome, menor abandonado nas ruas, falta de educação tradicional.

As drogas seriam outra causa que, segundo o padre, “está nas ruas, basta a gente usar o nosso nariz que sente o cheiro”. Para o caso ele aponta uma solução: basta dar combate aos consumidores, muitos sabem onde se encontram os locais de venda. Nos últimos meses o policiamento na cidade tem melhorado, mas ele lembra que “muitos assaltam por não ter o que comer”.

O transporte coletivo — mais exatamente o preço da condução — é grave na Ceilândia. O pároco conhece muitas pessoas que deixaram de trabalhar no Plano Piloto devido ao alto custo das passagens. Conhece outras que trabalham em Taguatinga e para lá se dirigem, todos os dias, a pé. “O transporte de sete anos atrás melhorou 100%, ele reconhece. As queixas permanecem quanto à demora dos ônibus, e declara que chega mais rápido no Plano Piloto de bicicleta do que de transporte coletivo.

O padre Antônio, analisando rapidamente a educação escolar na cidade-satélite afirma que ela está “distante da realidade, numa perspectiva maior aumentou quantitativamente, mas apenas nos últimos anos é que existem professores que moram na Ceilândia”. Ele cita um exemplo que traduz o contrassenso: crianças cantando hinos que valorizam a bravura, com barrigas cheias de vermes. O ensino no local valoriza o padrão social superior, que está aquém da realidade.

A educação escolar, segundo ele, está matando a criatividade infantil. A cobrança das taxas — como APMs — marginaliza a criança moralmente, quando a família não paga, diante dos colegas, apesar de oficialmente o ensino, no Brasil, ser gratuito. O padre pondera que diversas famílias vivem do subemprego — receita mensal de Cr\$ 5.000,00 — e não têm como pagar estas taxas.

SAÚDE

A questão saúde é apreensiva para este holandês incansável na sua labuta diária. O princípio dos Centros de Saúde instalados na cidade, no seu entender, “é bom, mas há queixas de que não se consegue consultas nem no hospital e nem nos centros de saúde”. Em contrapartida, surge o problema do lixo, que a administração regional começou a resolver “mas os hábitos do povo e a falta de coleta — que melhorou sensivelmente — prejudicam a higiene”.

Neste tópico não há como deixar de falar sobre a alimentação da população, “que é a base de saúde”. O quadro financeiro de 83 não oferece grandes perspectivas ao povo ceilandense — e por isso possui pela estrutura da baixa renda subalimentação.